

ANTONIO GERALDO FIGUEIREDO FERREIRA

# o amor pega feito um bocejo

Ilustrações de  
ROGÉRIO COELHO



Copyright do texto © 2014 by Antonio Geraldo Figueiredo Ferreira  
Copyright das ilustrações © 2014 by Rogério Coelho

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Revisão  
Thaís Totino Richter  
Valquíria Della Pozza

Tratamento de imagem  
M Gallego • Studio de Artes Gráficas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ferreira, Antonio Geraldo Figueiredo  
O amor pega feito um bocejo / Antonio Geraldo Figueiredo  
Ferreira ; ilustrações de Rogério Coelho. — 1ª ed. — São Paulo :  
Companhia das Letrinhas, 2014.

ISBN 978-85-7406-647-9

1. Literatura infantojuvenil I. Coelho, Rogério II. Título.

14-08972 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:  
1. Literatura infantil 028.5  
2. Literatura infantojuvenil 028.5

2014

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ S.A.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil  
Telefone: (11) 3707-3500  
Fax: (11) 3707-3501  
www.companhiadasletrinhas.com.br  
www.blogdacompanhia.com.br



Para os leitores

minhas mãos não cabem mais  
no vidro de bolachas do passado

será?

A. G. F. F.

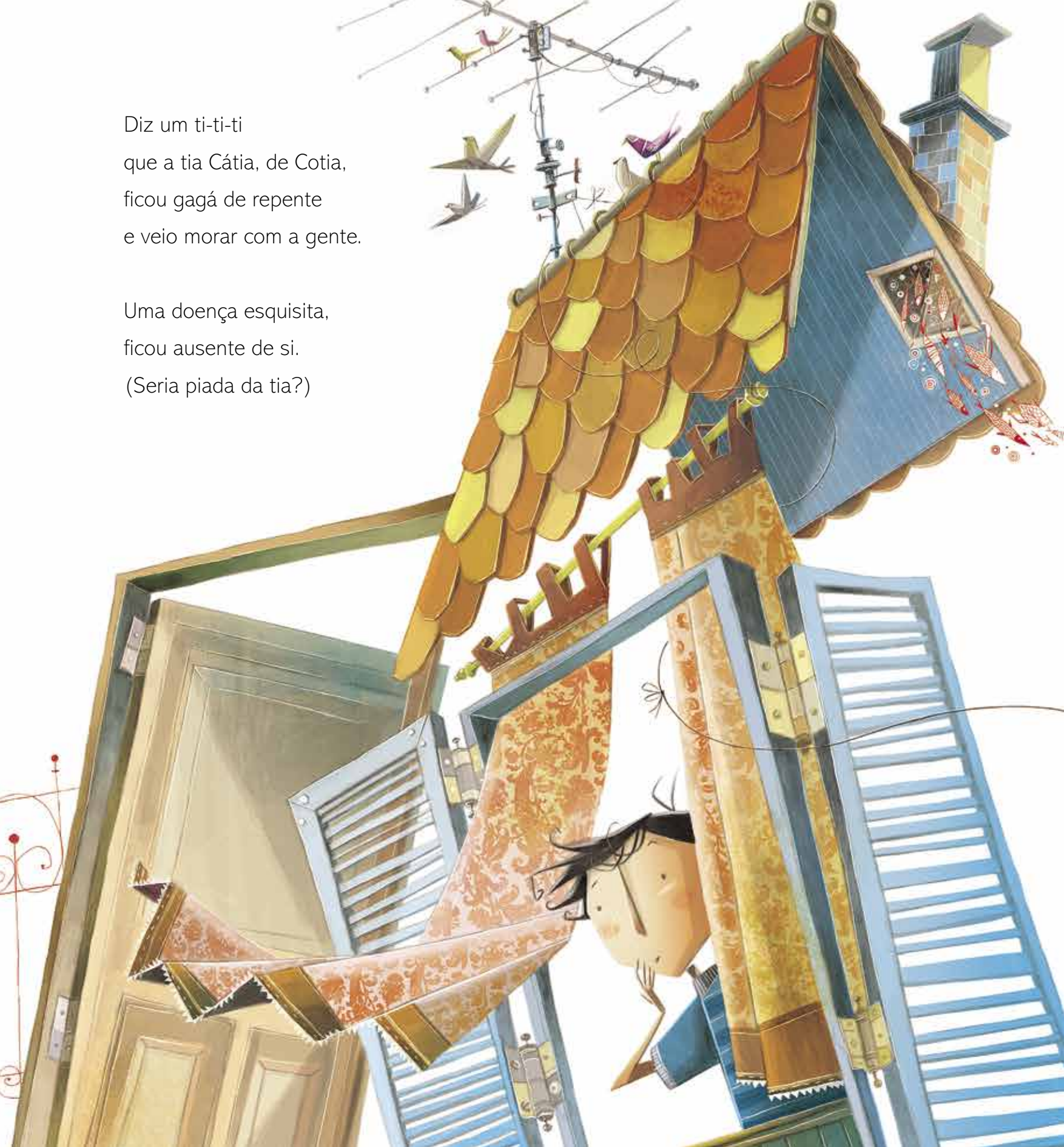
Para o meu filho Gabriel  
R. C.





Diz um ti-ti-ti  
que a tia Cátia, de Cotia,  
ficou gagá de repente  
e veio morar com a gente.

Uma doença esquisita,  
ficou ausente de si.  
(Seria piada da tia?)





Começou em agosto passado.

Imaginando-se numa festa,  
meio descabelada,  
foi à missa maquiada de vermelho.  
(Mas isso não é nada!)

Entrou pulando feito um saci  
perdido na floresta.  
(Teria sido alguma aposta?)

Pintou o rosto de palhaço,  
vê se pode.  
Pregou no queixo uma barba de bode,  
tatuagens de chiclete no braço,  
esparadrapo com tinta no joelho...  
(O padre Antônio, coitado, caiu de costas.  
Pensou que fosse o demônio.)

Depois, tentou desligar o marca-passo  
apertando uma pinta na testa.  
Passou a conversar com o espelho,  
a comer sem talher,  
costurar sem a linha...

Teimou que a vizinha era bruxa,  
escondeu as vassouras da mulher,  
que ficou fula da vida.





Meu pai não teve saída  
e avisou a família:  
— Puxa, ela não pode ficar sozinha.  
Ontem mesmo, jogou fora o remédio  
e comeu um pedaço da bula.  
(Um perigo!)

— Coisa de dar pena, não é?  
Sei que a casa é pequena,  
mas a gente se arranja.

Foi assim que se mudou pra cá.

Sentadinha no sofá,  
reclamava do tédio  
brigando comigo:  
— Meu Deus, o que foi que eu fiz?

Adorava um prato de canja.  
Lambuzava o vestido,  
a franja, o nariz...

